



PANORAMA DA SUINOCULTURA

Por Marcelo Miele, Pesquisador da Embrapa Suínos e Aves



desempenho positivo da suinocultura brasileira em 2024 consolidou a tendência iniciada ainda no segundo semestre do ano anterior.

A oferta estável, o mercado interno aquecido e as crescentes exportações impulsionaram o aumento no preço do suíno vivo e da carne suína no varejo. A queda nos custos de produção complementou esse cenário, levando à recomposição das margens de lucro. O artigo aborda esse panorama da suinocultura no mundo e no Brasil, e também apresenta as estimativas de custos de produção que a Embrapa Suínos e Aves desenvolve com instituições parceiras.

MUNDO

A produção mundial de carne suína em 2024 deve ser ligeiramente inferior ao ano anterior com 116 milhões de toneladas, com destaque para a redução da produção na China, no Canadá e nas Filipinas, a recuperação da produção na União Europeia (UE), bem como a continuidade do crescimento nos Estados Unidos e no Brasil. A previsão do USDA para 2025 aponta para a continuidade dessa redução na produção. O consumo mundial de carne suína em 2024 também será ligeiramente inferior ao verificado em 2023, influenciado sobretudo pela redução na China de 1,79 milhões de toneladas. Esse volume é uma vez e meia o aumento no consumo verificado nos dez principais mercados após o mercado chinês (EU, EUA, Rússia, Vietnã, Brasil, México, Japão, Coreia do Sul, Filipinas e Reino Unido). Importante destacar que o consumo de carne suína e de carne de frango apresentaram redução em relação ao ano anterior, ao contrário da carne bovina (USDA, 2024, disponível em <https://apps.fas.usda.gov/psdonline/>).

O comércio internacional de carne suína permanece abaixo do seu pico em 2020, quando foram exportadas 12,6 milhões de toneladas, ou 13% da produção. O USDA prevê para 2024 exportações globais de 10,3 milhões de toneladas (+2% em relação ao ano anterior), representando 9% da produção, e um pequeno aumento para 2025. As importações chinesas continuam sendo o principal determinante desse comportamento, com uma queda de 31% em relação ao ano anterior e retornando à configuração anterior à Peste Suína Africana (PSA) (Figuras 1 e 2). Os destaques no comércio internacional de carne suína foram o aumento das importações da Coreia do Sul, do México e das Filipinas, que passaram a absorver boa parte dos excedentes mundiais anteriormente



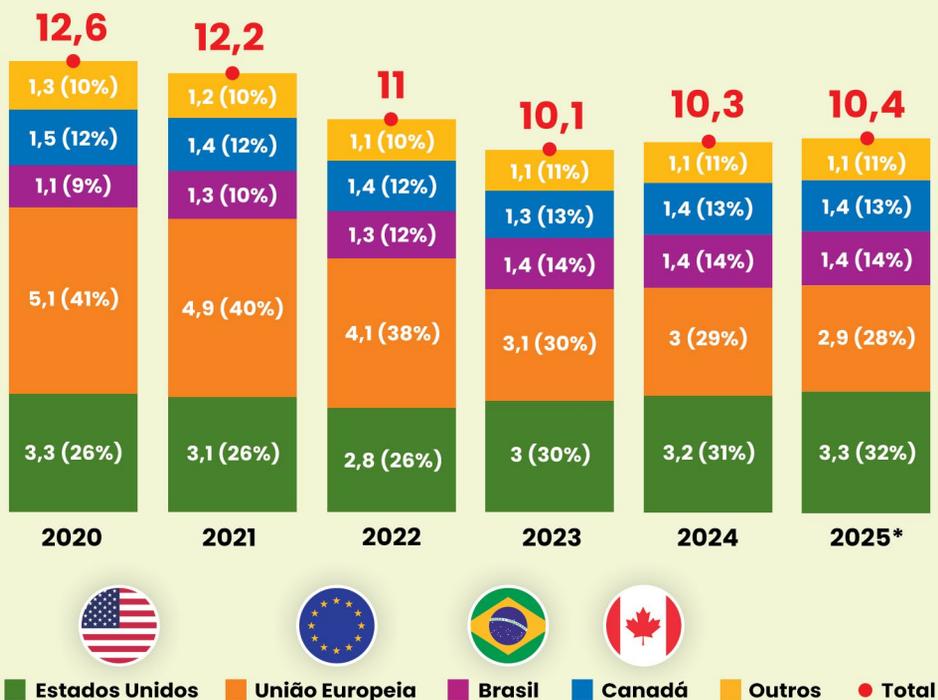
destinados prioritariamente ao mercado chinês, que passou de primeiro para terceiro maior importador, bem como o aumento das exportações dos Estados Unidos, que passaram a UE e assumiram a primeira posição no ranking dos exportadores, refletindo o dinamismo e a competitividade da sua suinocultura (USDA, 2024, disponível em <https://apps.fas.usda.gov/psdonline/>).

Em relação aos preços, se manteve a tendência de queda nos preços dos cereais verificada desde 2022, de aumento nos preços da carne bovina desde 2023 e de certa estabilidade nos preços das carnes de frango e suína, porém com aumentos verificados desde o segundo trimestre de 2024, sobretudo nos preços da carne de frango (Figura 3).



Crédito: Aun Photographer/Shutterstock

Figura 1. Exportações de carne suína, milhões de toneladas e porcentagem do total entre parênteses



■ Estados Unidos ■ União Europeia ■ Brasil ■ Canadá ■ Outros ● Total

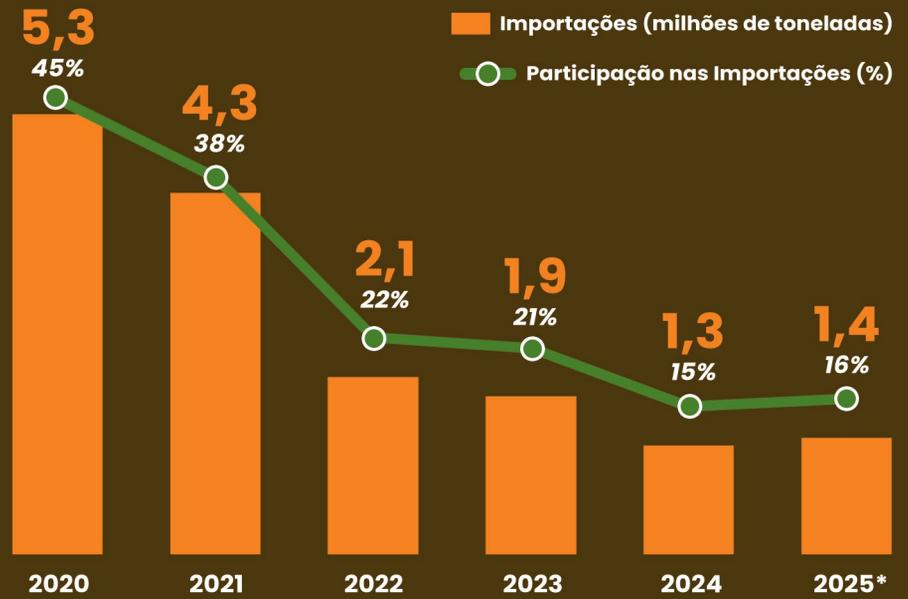
Fonte: USDA (2024, disponível em <https://apps.fas.usda.gov/psdonline/>)

*Previsão de outubro de 2024



Crédito: Shutterstock

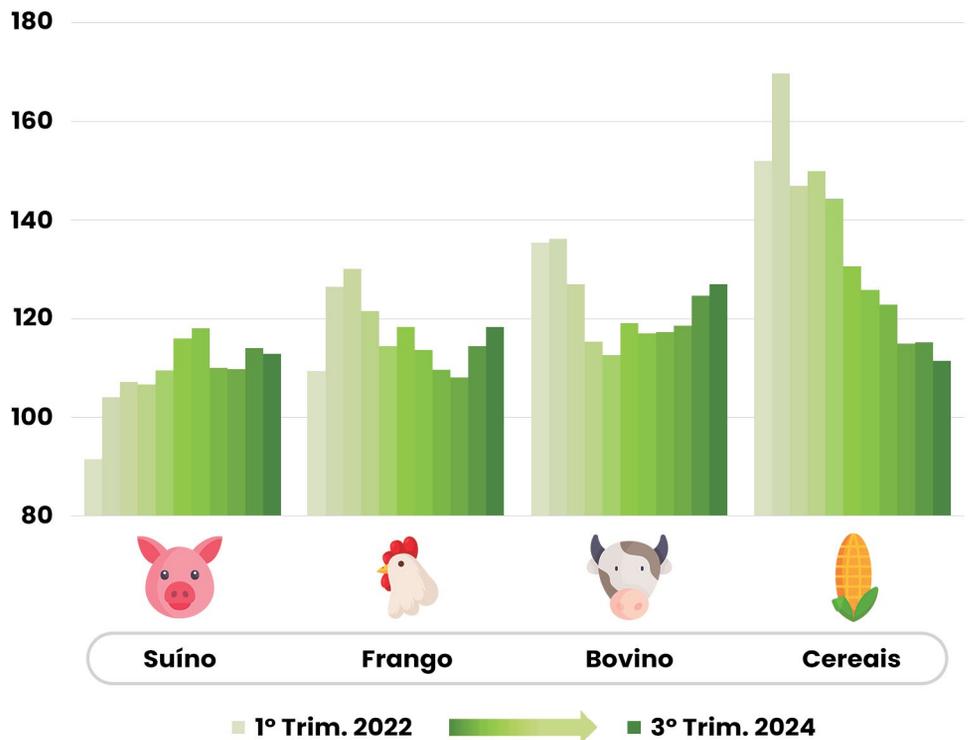
Figura 2. Importações de carne suína pela China



Fonte: USDA (2024, disponível em <https://apps.fas.usda.gov/psdonline/>)

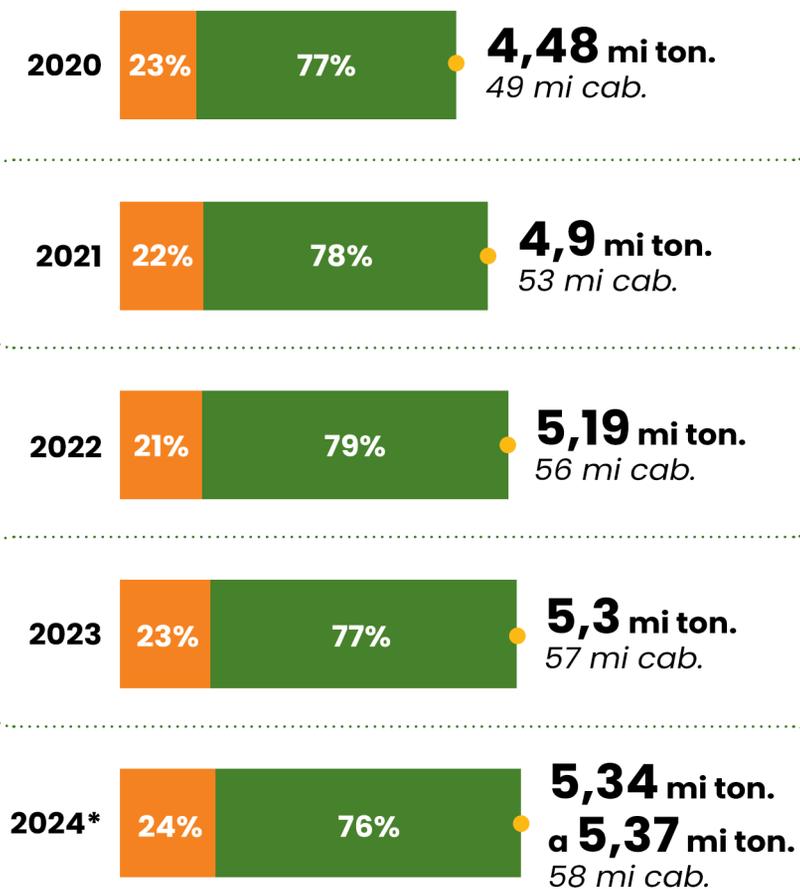
*Previsão de outubro de 2024

Figura 3. Índices de preços das carnes e dos cereais no mundo (2014-2016 = 100)



Fonte: FAO (2024, disponível em <https://www.fao.org/worldfoodsituation/foodpricesindex/>)

Figura 4. Abates de suínos e disponibilidade interna e exportações de carne suína no Brasil



■ Exportação (deduzidas as importações)

■ Disponibilidade Interna

● Abates

Fonte: IBGE - Pesquisa Trimestral do Abate de Animais (IBGE, 2024, disponível em <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/1093> e <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/6829>), Agrostat (MAPA, 2024, disponível em <https://indicadores.agricultura.gov.br/agrostat/>) e Oferta e Demanda de Carnes (Conab, 2024, disponível em <https://www.conab.gov.br/info-agro/analises-do-mercado-agropecuario-e-extrativista/analises-do-mercado/oferta-e-demanda-de-carnes>)

*Estimativa anual a partir do crescimento verificado entre jan. e set./2024 em relação ao mesmo período do ano anterior

BRASIL

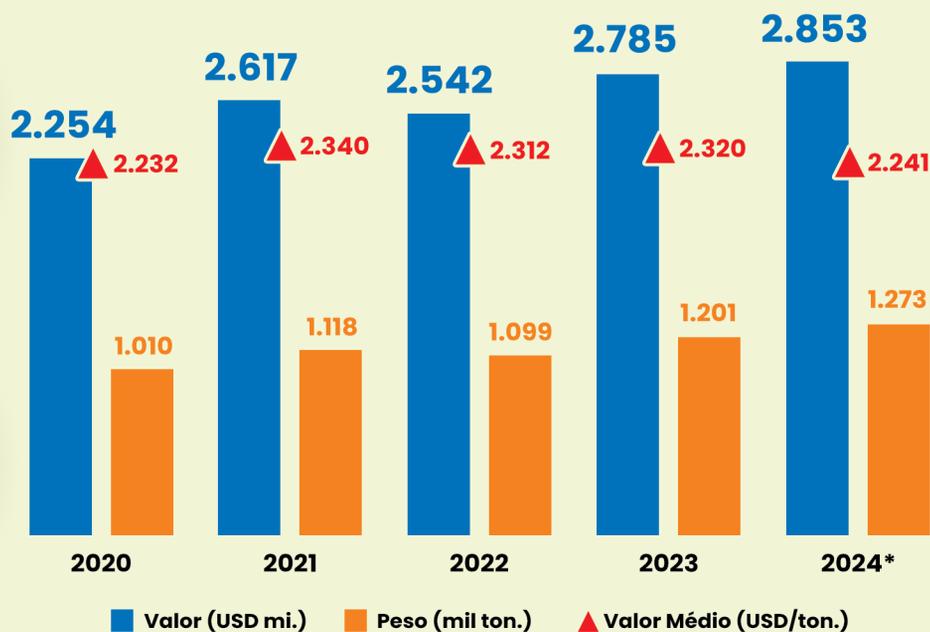
A produção brasileira de carne suína ficou praticamente estável no primeiro semestre de 2024, contrastando com o que vinha ocorrendo nos anos anteriores, porém com retomada no crescimento dos abates ainda no segundo trimestre (Figura 4). O total de cabeças abatidas aumentou 1,1% e o peso total das carcaças 0,8% na comparação entre os três primeiros trimestres de 2024 com o mesmo período do ano anterior (IBGE, 2024, disponível em <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/1093>). Esse desempenho aponta para uma produção total de 5,34 a 5,37 milhões de toneladas projetadas pela Conab (Conab, 2024, disponível em <https://www.conab.gov.br>).



Crédito: apiaach/Shutterstock



Figura 5. Exportações brasileiras de carne suína



Fonte: Agrostat (MAPA, 2024, disponível em <https://indicadores.agricultura.gov.br/agrostat/>)

*Estimativa anual a partir do crescimento verificado entre jan. e set./2024 em relação ao mesmo período do ano anterior

Crédito: Shutterstock

As exportações vêm mantendo o desempenho excepcional verificado nos últimos anos, com exceção de 2022, com um aumento de 6% nos volumes embarcados na comparação entre os três primeiros trimestres de 2024 com o mesmo período do ano anterior (MAPA, 2024, disponível em <https://indicadores.agricultura.gov.br/agrostat/>), apontando para o volume total estimado em 1,27 milhão de toneladas no ano, e receitas cambiais de 2,85 bilhões de Dólares (Figura 5). Segundo a metodologia empregada pelo USDA, a participação brasileira nas exportações globais em 2024 se manteve em 14%, com o país passando à frente do Canadá e ocupando a terceira posição no ranking dos maiores exportadores de carne suína (USDA, 2024, disponível em <https://apps.fas.usda.gov/psdonline/>).

China e Hong Kong continuam sendo o principal destino das exportações brasileiras, com 27% dos embarques até setembro de 2024. Porém, com metade da participação verificada nos três anos anteriores. Isso ocorreu pela redução de mais de 141 mil toneladas nos embarques para esses dois destinos nos nove primeiros meses de 2024 (-42%). Outros países (Argentina, Geórgia, Uruguai e Vietnã)

também contribuíram negativamente com uma redução conjunta de 13 mil toneladas nos volumes exportados. Foram destaque em 2024 as exportações para Filipinas (+79%), Chile (+31%), Singapura (+33%), Japão (+125%), México (+83%) e Coreia do Sul (+96%) com embarques totais de 421 mil toneladas nos nove primeiros meses do ano (+65%), sendo que Filipinas, Japão e Chile ampliaram suas compras nesse período em 68 mil, 36 mil e 20 mil toneladas, respectivamente. Em relação às receitas em Dólares por tonelada de carne suína exportada, verifica-se queda no valor médio de 2024 em relação ao valor médio do ano anterior, mas as cotações se recuperaram nos três primeiros trimestres de 2024 com um aumento de acumulado 13% (Agrostat/MAPA, 2024).

Assim, o quadro de demanda interna aquecida e de exportações recordes aliado à limitada oferta de animais para abate determinaram a reversão na tendência de queda no preço da carne suína no varejo, com variação acumulada nos três primeiros trimestres de 2024 acima da inflação (geral e da alimentação no domicílio), bem como acima da variação dos preços no varejo das demais alternativas



de proteína animal (carnes de frango e bovina, pescados e ovos). O preço da carcaça suína no atacado e o valor médio das exportações em Reais também apresentaram variação positiva no acumulado nos três primeiros trimestres de 2024 (Tabela 1). Ao contrário de 2023, a desvalorização do Real foi um elemento que pressionou os preços internos, mas beneficiou a competitividade dos exportadores elevando sua receita cambial quando convertida em moeda nacional. O preço do suíno vivo no mercado interno apresentou recuperação desde maio de

Crédito: Africa Studio/Shutterstock



2024, atingindo níveis próximos aos picos de cotações em 2020. Essa tendência aliada a menores preços do milho e do farelo de soja (na comparação entre a média dos três primeiros trimestres do ano e a média de 2023) consolidou um cenário positivo para a suinocultura que se desenhava desde o segundo semestre do ano anterior. Com isso se verifica recuperação nas margens do produtor e na relação de troca do preço do suíno vivo em relação aos dois principais ingredientes das rações (Tabela 1).

Tabela 1. Variação percentual acumulada dos preços ao longo da cadeia produtiva da carne suína e das alternativas de proteína animal no varejo*

Grupo	Produto	Δ% dez. 2023 / dez. 2022	Δ% set. 2024 / dez. 2023
Cadeia produtiva da carne suína	Milho e farelo de soja no atacado**	-18,2	-3,9
	Suíno vivo ao produtor	-5,0	27,7
	Carcaça suína no atacado	-4,6	19,0
	Carne suína exportada***	-20,3	27,5
	Carne suína no varejo	-2,4	6,0
	Processados de suíno no varejo	-1,9	-0,6
Preços no varejo de substitutos da carne suína	Carne de frango no varejo	-9,1	4,1
	Carne bovina no varejo	-10,2	-0,3
	Pescados no varejo	3,5	-1,0
	Ovos no varejo	2,8	-3,8
Índices de preços, câmbio e juros	IPCA	4,6	3,3
	Alimentação no domicílio	-0,5	3,8
	USD	-6,6	13,2
	Juros anuais****	-1,8	0,6

Fonte: Agrostat/MAPA; BCB; Cepa/Epagri; Cepea; Deral; Embrapa Suínos e Aves; IBGE - Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo; Imea

*Variações percentuais dos preços entre dezembro de 2022 e de dezembro de 2023 e de dezembro de 2023 a setembro de 2024 em GO, MG, MT, PR, RS, SC e SP ponderadas pela participação nos abates totais. Variações acumuladas dos subitens do IPCA de janeiro a dezembro de 2023 e de janeiro a setembro de 2024 ponderadas pelo peso no índice

**Considerou-se 70% do preço do milho e 30% do preço do farelo de soja

Valores convertidos para moeda nacional (BRL). *Variação em pontos percentuais

CUSTOS DE PRODUÇÃO

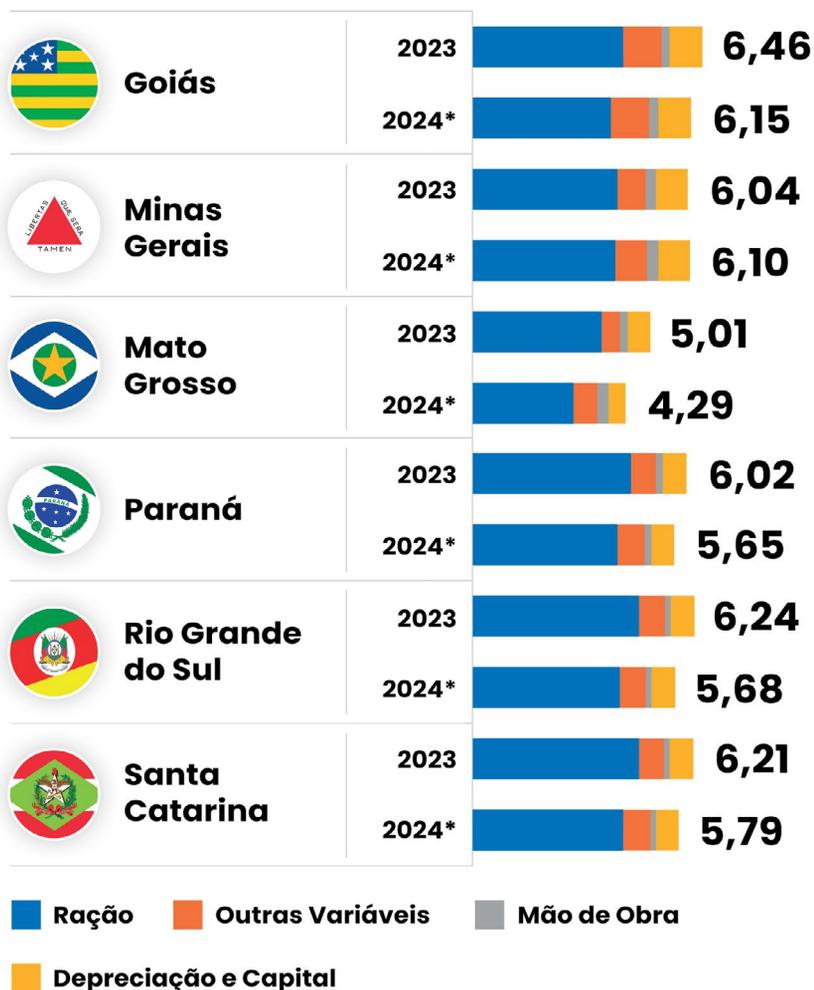
A Embrapa Suínos e Aves produz estimativas dos custos de produção de suínos nos principais estados produtores em conjunto com outras instituições parceiras, e participa da rede InterPIG envolvendo instituições dos principais países produtores de carne suína para comparação internacional dos custos de produção. Esta seção visa apresentar esses resultados de forma resumida.

Na Figura 6 são apresentadas as estimativas de custo de produção de suínos nos três estados da região Sul e em Goiás, Mato Grosso e Minas Gerais para o ano de 2023 e os três primeiros trimestres de 2024. Em todos os estados acompanhados pela Embrapa Suínos e Aves houve redução nos custos de produção quando

comparados os valores médios de 2023 com os três primeiros trimestres de 2024 (no caso de Minas Gerais que apresentou estabilidade, os dados de 2023 referem-se apenas à média do segundo semestre daquele ano). Isso ocorreu apesar do aumento nos custos verificado no segundo semestre de 2024. A ração foi o item que determinou a queda nos custos médios do ano, acompanhando os preços do milho e do farelo de soja, bem como a redução no custo de capital. Em ambos os casos, verificou-se elevação no preço dos grãos e dos juros no segundo semestre de 2024, revertendo a tendência de queda nos custos. Além disso, verifica-se em todos os estados aumento nos demais itens de custo, que inclui mão de obra, genética, sanidade, energia, manutenção e outros variáveis (Figura 6 e Tabela 2).

Figura 6. Variação percentual acumulada dos preços ao longo da cadeia produtiva
Custos de produção de suínos em Goiás, Mato Grosso, Minas Gerais e nos três estados da região Sul (R\$/kg vivo)

Fonte: Embrapa Suínos e Aves, Conab e ABCS para os três estados da região Sul, Goiás e Minas Gerais, com apoio de ACCS, Acsurs, AGS, APS e Asemg; Imea e Embrapa Suínos e Aves para Mato Grosso com apoio da Acrismat
 *Média de janeiro a setembro de 2024





Crédito: Shutterstock

Tabela 2. Variação percentual dos custos de produção por UF e item de custo, entre média de 2023 e de 2024*



Produto	Ração	Mão de obra	Outros custos variáveis	Depreciação e capital	Total
Goiás	-9%	14%	1%	2%	-5%
Minas Gerais**	-1%	16%	9%	-2%	1%
Mato Grosso***	-22%	49%	30%	-28%	-14%
Paraná	-9%	2%	7%	-7%	-6%
Rio Grande do Sul	-12%	4%	3%	-5%	-9%
Santa Catarina	-10%	1%	9%	-5%	-7%

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de Embrapa Suínos e Aves, Conab e ABCS para os três estados da região Sul, Goiás e Minas Gerais, com apoio de ACCS, Acurs, AGS, APS e Asemg; Imea e Embrapa Suínos e Aves para Mato Grosso com apoio da Acrismat

* Média de janeiro a setembro de 2024

** Em 2023 foram levantados custos somente para o segundo semestre do ano

*** Em 2024 foram adotadas mudanças na metodologia de cálculo do custo com depreciação e capital médio e nos coeficientes técnicos para mão de obra e outros custos variáveis que impactaram a variação percentual verificada nesses itens

Na Figura 7 são apresentadas as estimativas de custo de produção de suínos em 2023 nos países que compõem a rede InterPIG que foram discutidos na reunião anual em Seinäjoki, Finlândia, de 17 a 21 de junho de 2024. Mato Grosso e Santa Catarina no Brasil e Estados Unidos mantiveram em 2023 a liderança em custos

em relação aos demais países da rede InterPIG. Os menores custos com mão de obra e investimentos em instalações e equipamentos nos dois estados brasileiros e, no caso de Mato Grosso, o menor preço da ração entre os países analisados, foram determinantes para sua competitividade.



Figura 7. Custos de produção de suínos em 2023 nos países da rede InterPIG (USD/kg vivo)

Fonte: InterPIG

*Média ponderada pela produção de carne suína dos países da rede (FAOSTAT, 2023)

Crédito: Tsekhmister/Shutterstock





Crédito: photomaster/Shutterstock

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ano de 2024 foi marcado pela recuperação da lucratividade na suinocultura em função do aumento no preço médio do suíno vivo e da queda nos preços médios dos dois principais insumos de produção, apesar dos aumentos verificados no segundo semestre de 2024 devido sobretudo à desvalorização do Real e aos fundamentos do mercado do milho (menor oferta e aumento da demanda com crescente concorrência do etanol). O maior controle nos alojamentos e a estabilidade dos volumes produzidos, bem como o mercado interno aquecido e a expansão das exportações brasileiras foram determinantes para esse desempenho. Importante destacar que isso ocorreu apesar do cenário global de retração do consumo de carne suína e de menor dinamismo no comércio internacional. Os desafios econômicos na China e a recuperação do seu rebanho suíno após a PSA mantém a tendência a uma menor participação do país asiático nas importações globais de carne suína, porém ainda com papel fundamental. A suinocultura brasileira vem ocupando esse mercado cada vez mais concorrido, mas continua diversificando o destino das suas exportações, com destaque para as Filipinas, o que possibilitou manter sua participação no comércio internacional que já havia crescido cinco pontos percentuais nos três anos anteriores (2020 a 2023), além de possuir uma base sólida no mercado interno.

As informações disponíveis sugerem a consolidação em 2025 da lucratividade verificada em 2024, porém condicio-

nada à manutenção da atual relação entre custos e preços recebidos, o que está sujeito a incertezas crescentes. A manutenção dos custos nos patamares atuais dependerá da confirmação da oferta recorde de grãos prevista para 2025, sobretudo no milho, a qual estará sujeita à disponibilidade de chuvas na América do Sul, ao câmbio e à capacidade de a cadeia produtiva explorar os diferenciais de preços de alimentos alternativos (sorgo, trigo e farelo do etanol de milho). Enquanto que a manutenção dos preços do suíno vivo em níveis que garantam a atual relação de troca com o milho e o farelo de soja dependerá da continuidade no controle dos alojamentos de matrizes no sentido de amenizar ciclos de euforia, bem como do desempenho das exportações e do nível do consumo doméstico. Nesse sentido, ainda é incerta a extensão do impacto da inflação na renda e no consumo de carnes, bem como o efeito substituição causado pelas variações de preços da carne suína frente às demais carnes. Neste ponto, é positivo para a suinocultura a valorização da carne bovina iniciada no segundo semestre de 2024, com aumentos expressivos devido ao mercado internacional e à nova fase do ciclo da pecuária.

Em todos os casos, pesam as incertezas ligadas ao câmbio, com impacto nos preços internos e na competitividade do Brasil nos mercados globais, bem como incertezas geopolíticas (guerras na Ucrânia e no Oriente Médio e disputas comerciais entre EUA, UE e China), com impacto nos preços das commodities e dos fretes, no câmbio, na demanda dos países compradores e na competitividade dos concorrentes da carne suína brasileira. ■

ANÚNCIO